



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM DANÇA

FELIPE DE SOUSA NASCIMENTO RODRIGUES

**DANÇAR A QUADRILHA NO LUAR: UMA *DIDÁTICA*-AÇÃO COM O GRUPO
CULTURAL LUAR DO SÃO JOÃO**

SALVADOR

2025

FELIPE DE SOUSA NASCIMENTO RODRIGUES

**DANÇAR A QUADRILHA NO LUAR: UMA *DIDÁTICA-AÇÃO* COM O GRUPO
CULTURAL LUAR DO SÃO JOÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Dança.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lenira Peral Rengel

SALVADOR

2025

Dados internacionais de catalogação-na-publicação
(SIBI/UFBA/Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa)

Rodrigues, Felipe de Sousa Nascimento.

Dançar a quadrilha no luar: uma didática-ação com o Grupo Cultural Luar do São João / Felipe de Sousa Nascimento Rodrigues. - 2025.

47 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Lenira Peral Rengel.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Dança, Salvador, 2025.

1. Dança. 2. Dança - Estudo e ensino. 3. Dança - Aspectos sociais. 4. Danças folclóricas - Teresina (PI). 5. Quadrilha (Dança) - Teresina (PI). 6. Grupo Cultural Luar do São João (Teresina, PI). I. Rengel, Lenira Peral. II. Universidade Federal da Bahia. Escola de Dança. III. Título.

CDD - 793. 31098122

CDU - 793.31(812.2)

TERMO DE APROVAÇÃO


FELIPE DE SOUSA NASCIMENTO RODRIGUES

DANÇAR A QUADRILHA NO LUAR: Uma didática-ação com o Grupo Cultural Luar do São João.

Trabalho de Conclusão do Mestrado Profissional em Dança apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Dança.


Salvador, 11 de abril de 2025.

Banca Examinadora

 Documento assinado digitalmente
LENIRA PERAL RENGEL
Data: 06/05/2025 20:23:28-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Lenira Peral Rengel – Orientadora

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC – SP, Brasil
Universidade Federal da Bahia

 Documento assinado digitalmente
JONAS KARLOS DE SOUZA FEITOZA
Data: 07/05/2025 07:06:08-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Jonas Karlos de Souza Feitoza

Doutor em Artes pela Universidade de São Paulo, USP – SP, Brasil
Universidade Federal de Sergipe

 Documento assinado digitalmente
MIRELLA DE MEDEIROS MISI
Data: 07/05/2025 09:19:47-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Mirella de Medeiros Misi

Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia, UFBA– Salvador, BA, Brasil
Universidade Federal da Bahia

RESUMO

A pesquisa desenvolvida no âmbito do curso de Mestrado Profissional em Dança, da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (UFBA), trata do grupo cultural Luar do São João que dança quadrilha estilizada, fundado em 2012, do bairro Mocambinho, periferia de Teresina/PI. O objetivo foi o de criar uma *didática-ação*, ou seja, uma didática compartilhada, a fim de fomentar as pessoas a se emancipem com a dança, ajudando-as na construção pessoal, criativa, sociocultural e profissional. A participação em grupos juninos é um trabalho de socialização que requer dedicação, tempo, disponibilidade e principalmente respeito. O principal viés metodológico e referencial do trabalho é a “pesquisa-ação” (Thiollent, 1986). A *didática-ação* é o produto apresentado em modo textual e traz os procedimentos cotidianos do processo de ensaios de uma quadrilha junina, desde o preparo até o espetáculo. Ainda como principais referências bibliográficas para este estudo, trago o Dicionário Laban (Rengel, 2015), que se relaciona às ações corporais e ao movimento da quadrilha junina, e o trabalho de Nascimento (2013). Como resultado, para além dos procedimentos de uma didática, estão presentes a reflexão e a razão implicadas no aprendizado da dança estilizada. Possível, também, notar que a existência de grupos como esse contribuem para a diminuição da criminalização de pessoas que vivem em situações vulneráveis dentro da sociedade.

Palavras-chave: dança. didática-ação. quadrilha junina. grupo cultural Luar do São João.

ABSTRACT

This research, conducted within the Professional Master's Program in Dance at the School of Dance of the Federal University of Bahia (UFBA), explores the cultural group “Luar do São João,” which performs stylized quadrilha and was founded in 2012 in the Mocambinho neighborhood, a peripheral area of Teresina, Piauí. The study aimed to develop a didactic-action—a shared pedagogical approach designed to foster emancipation through dance, supporting personal, creative, sociocultural, and professional development. Participation in quadrilha groups is a process of socialization that demands dedication, time, availability, and above all, respect. The main methodological and theoretical framework is action research (Thiollent, 1986). The didactic-action is presented in textual format with links to images and documents everyday rehearsal practices, from preparation to performance. Key references include the Laban Dictionary (Rengel, 2015), which addresses bodily actions and movement in stylized quadrilha, along with works by Nascimento (2013), Paula (2020), and Menezes Neto (2008). Beyond teaching procedures, the research emphasizes critical reflection and reasoning in the learning of stylized dance. It also highlights how the existence of such cultural groups helps reduce the criminalization of people living in vulnerable conditions within society.

Keywords: dance. didactics-action. june square dance. Luar do São João cultural group.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ensaio do Grupo Cultural Luar do São João	14
Figura 2 – Ensaio na sede do Luar do São João	15
Figura 3 – Elenco Luar do São João em 2023.....	21
Figura 4 – Espetáculo Luar do São João Cuscuz nosso de cada dia	26
Figura 5 – Ensaio Luar do São João - coordenação de ensaio	30
Figura 6 – Apresentação da Luar do São João no concurso de Maracanaú - CE.....	36
Figura 7 – Pausa para o café da manhã em Estreito - MA	37
Figura 8 – Drive in Junino do Luar do São João em Teresina - PI	38
Figura 9 – Apresentação da Luar do São João em Teresina - PI.....	40

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	8
2 INTRODUÇÃO	11
3 DANÇAR A QUADRILHA NO LUAR: A CONSTRUÇÃO DE UMA <i>DIDÁTICA-AÇÃO</i> COM O GRUPO CULTURAL LUAR DO SÃO JOÃO	12
3.1 SESSÃO 1 – CHEGANDO À QUADRA	15
3.1.1 A <i>didática-ação</i>	16
3.1.1.1 O que é.....	16
3.1.1.2 Por que.....	18
3.1.1.3 Para que e para quem.....	19
3.2 SESSÃO 2 - VESTINDO A SAIA E COLOCANDO O CHAPÉU	20
3.2.2 Didática e método	21
3.2.3 Quadrilha não hegemônica e emancipatória.....	24
3.3 SESSÃO 3 - AQUECENDO COM A MARCAÇÃO	26
3.3.1 Ação corporal como coreografia	27
3.4 SESSÃO 4 – ENSINANDO A COREOGRAFIA.....	29
3.4.1 Elementos do movimento na dança – ação corporal é coreografia.....	30
3.5 SESSÃO 5 – APRESENTAÇÃO NO CONCURSO	35
3.5.1 Dentro do ônibus.....	37
3.5.2 Antes da apresentação.....	38
3.5.3 Após o resultado do concurso	40
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	43
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES	45
APÊNDICE A – MATERIAIS COMPROBATÓRIOS.....	46

1 APRESENTAÇÃO

Eu, Felipe de Sousa Nascimento Rodrigues, conhecido artisticamente como Felipe Rodrigues, desde os 15 anos de idade dançava por amor. Comecei dançando na escola pública, depois, fui buscar a dança no Teatro Municipal João Paulo II. Participei de companhias de dança independentes, e também, fiz aulas em diversas escolas de dança para aprender outras modalidades, e para compreender o que eu queria ser de verdade. Não sabia que caminho queria seguir, porém sabia perfeitamente para onde estava indo.

Nasci em Teresina - Piauí, cidade em que, em pleno século XXI, ainda não existe a oferta do curso de Graduação em Dança, fato que me entristece profundamente. Ainda assim, venho estudando e persistindo ao longo de todos esses anos na produção de dança. Em 2006, saindo da adolescência e entrando na vida adulta, eu já sabia que profissão queria seguir, pois já trabalhava “ganhando meu próprio dinheiro” com a dança. Quando eu estava finalizando o ensino médio, fui criticado por minha mãe, Maria Ivete Rodrigues Nascimento, que é separada do meu pai, José Carlos de Sousa Nascimento, pois ela dizia: “Precisa arrumar um emprego, está fazendo 18 anos e precisa trabalhar. Dançar não é emprego e não paga contas”. Essas falas pararam após eu dizer que havia ganhado o meu primeiro cachê, em resultado de uma apresentação que havia feito com o grupo de dança da escola onde estudava. E reflito sobre isso, sempre. Um sentimento, não de tristeza; porém é uma fala que reverbera dentro e mim e me potencializa a sempre buscar alcançar o que almejo.

Estudei dança, me profissionalizei, fiz aulas e cursos em outras cidades, conheci as quadrilhas juninas, e o tempo foi passando. Dançava em diversos contextos, desde a dança clássica às danças populares, pois pensava que uma maior quantidade de informações sobre outros tipos de dança é o que me tornaria um bom bailarino. Fazia aulas com professores renomados na cidade, como Weylla Carvalho (minha primeira professora de Dança), Roberto Freitas, Luzia Amélia, Fernando Freitas, Frank Lauro, Socorro Bernabé, Tanandra Rocha, Elizabeth Báttali; pessoas que fazem parte da formação de muitos bailarinos e muitas bailarinas de Teresina.

Após as experiências vividas, chegou um momento no qual apenas dançar por amor não dava conta das necessidades da vida adulta para sobreviver. Então fui procurar academias de dança, companhias e escolas para dar aula, e grupos juninos para coreografar. Começa assim uma relação mais afetiva e direta com a quadrilha junina. Além disso, eu ministrava aulas de dança contemporânea, jazz e outras modalidades, visto que, naquele momento, precisava entender a dança como trabalho.

Foram várias tentativas de trabalho em grupos independentes e na educação básica. Entrei para o Balé da Cidade de Teresina como bailarino em 2011. Junto a isso, participo de uma companhia como intérprete criador chamada Só Homens Cia de Dança, formada por quatro bailarinos. Saliento que a participação nesse grupo foi a principal porta para que eu entrasse no Balé da Cidade de Teresina. Ademais, pessoas que já compunham a companhia contribuíram muito para que conseguisse ingressar na única instituição pública de dança da capital teresinense, mantida pela prefeitura por meio da Fundação de Cultura Monsenhor Chaves.

Completei, em 2024, treze anos de atuação no Balé da Cidade de Teresina, e ao longo desses anos, pude compreender, realmente, quem sou na dança. Aprendo a cada dia de trabalho; compartilhando e dançando com os bailarinos e as bailarinas que fazem parte da companhia, me construo como pessoa, e principalmente como profissional. Consegui me desprender de medos e superar os desafios que a dança sempre me proporcionou. Nessa companhia, me vi atuando como professor e que, dessa forma, eu poderia contribuir com a formação de dança de outras pessoas.

Por não haver o curso de Graduação em Dança em Teresina, procurei estudar uma área que tivesse alguma relação com a dança, assim, ingressei na Licenciatura em Educação Física. A atuação em escolas, o ensinar, a didática, as crianças, os jovens, os estudos do corpo e da mente, as danças, os esportes, as lutas, ou seja, tudo ganhou mais sentido. Percebi a minha importância como professor na relação com as pessoas envolvidas, principalmente as crianças e os/as jovens. Percebi, não somente a dança e o ensinar, mas tudo que está relacionado ao movimento do corpo.

Durante a graduação, me fascinava com a inteligência dos professores, o quanto eles sabiam, o quanto estudaram e principalmente os modos como eram compartilhados os conteúdos. Eu sempre quis ser professor, sempre gostei de ensinar, e fui almejando e sonhando um dia ser um professor da educação básica ou do ensino superior. Além disso, me mantive sempre dançando, trabalhando como bailarino da Companhia Profissional de Dança e como quadrilheiro (dançarino de quadrilha junina), outra profissão de puro amor, desejo e razão.

A quadrilha junina sempre foi a minha válvula de escape, meu outro mundo, onde sempre deixei ou me esqueci dos desafios e dos problemas da vida. Foi durante as experiências da quadrilha junina que reconheci a importância do outro, de viver em sociedade, do respeito, do trabalho coletivo, dos princípios e dos valores das pessoas. A quadrilha se tornou uma maneira de unir a vontade de ensinar e o desejo de ver as pessoas aprendendo essa dança.

Percorrendo esses caminhos ao longo da vida, em 2023, ingressei no Mestrado Profissional em Dança da Universidade Federal da Bahia (PRODAN/UFBA) para me desafiar,

e como forma de continuar a buscar alcançar um propósito potente: a quadrilha junina. Foi muito importante vivenciar e compartilhar as minhas experiências com os colegas do PRODAN, uma turma diversa, incrível, formada por pessoas de várias partes do Brasil. Além disso, destaco a convivência com as queridas professoras e os queridos professores que são referência acadêmica em Dança no Brasil, altamente competentes e responsáveis.

O que fica é a gratidão por todas as vivências na UFBA, porque não é fácil deixar a família, os amigos, o emprego, a cidade e enfrentar dificuldades em outra cidade para tentar uma vida profissional melhor. Foi difícil, mas consegui, e daqui a uns anos, escreverei essa história de outra forma. Afinal, ser artista nunca foi fácil, mas não é impossível.

.

2 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que traz a perspectiva de uma didática construída junto com e para pessoas que dançam quadrilha junina. O TCC foi produzido no âmbito do Curso de Mestrado Profissional em Dança, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia (PRODAN/UFBA), e tratará de ações desenvolvidas ao longo de anos de atuação no grupo cultural que dança quadrilha estilizada, o Luar do São João, fundado em 2012, oriundo do bairro Mocambinho, periferia da zona norte de Teresina/PI; grupo que dialoga com a arte, a educação e os desenvolvimentos globais do corpo a partir da dança.

Como sujeito social implicado no processo, sou dançarino, coreógrafo e professor quadrilheiro do grupo Luar do São João, e proponho uma *didática-ação*. Essa intenção emerge da conceituação de “pesquisa-ação” (Thiollent, 1986). Essa proposta é implicada com as pessoas, parte do processo formador de suas autonomias. Os participantes são jovens, a partir de 15 anos de idade, e adultos, com e sem experiência prévia na dança. A pesquisa se volta para a formação pessoal e profissional desse grupo, que se educa e profissionaliza as experiências dançadas durante os ensaios

No momento, são mais de 250 pessoas envolvidas no projeto, cumprindo diferentes funções, que, assim como eu, são sujeitos que se identificam com as transformações que o grupo Luar do São João proporciona dentro de uma perspectiva pessoal, profissional, cultural e social. O grupo é formado por pessoas estudantes, trabalhadores(as), mães solas, famílias, pessoas economicamente desfavorecidas, vulneráveis socialmente, pessoas com deficiência e desempregados(as). Pessoas que encaram com muita responsabilidade e seriedade as ações que são desenvolvidas, em especial a dança.

3 DANÇAR A QUADRILHA NO LUAR: A CONSTRUÇÃO DE UMA *DIDÁTICA-AÇÃO* COM O GRUPO CULTURAL LUAR DO SÃO JOÃO

Esta proposição conta com informações de planejamento e organização do ensino de dança na quadrilha junina estilizada para pessoas com ou sem experiência em dança. A didática é o núcleo principal. A intenção é a de que professores, dançarinos, destaques e pessoas que dançam a quadrilha no grupo Luar de São João e, possivelmente em outros grupos e escolas, percebam o dançar e a criação das coreografias juninas a partir de gestos cotidianos.

É um encadeamento de planejamento, de aprendizagem e de ensino. Esse encadear didático abarca os procedimentos praticados nos ensaios desse grupo – como marcações, exercícios básicos de anatomia do corpo, estudos do espaço e do tempo, aprendizagem e ensino de movimentos da quadrilha – e se entremeia com conteúdo conceituais e atitudinais, a fim de dar atenção às singularidades, e ao entendimento indissociável de teoria e prática, pois a quadrilha junina no dançar do Luar é um ambiente educativo e de produção de dança.

Uma vez que muitas pessoas imaginam e reconhecem o contexto junino apenas como entretenimento, a *didática-ação*, nesse processo, pode se afirmar como uma ação relevante. Pessoas quadrilheiras não aprendem a dançar sozinhas, as experimentações das marcações e outros movimentos executados durante os ensaios são ligados diretamente às práticas em ação, por isso, apenas as demonstrações ou a memorização não são suficientes para aprendizagem.

Rengel *et al.* (2018, p. 27-28), com referência em Zabala (1998), refletem que “**Os conteúdos conceituais (e/ou factuais)** - São os relacionados com conceitos, ideias, opiniões, ideologias e aos fatos e acontecimentos históricos, nomes, manuais, códigos (como os de danças, por exemplo)”. Já os “**Conteúdos procedimentais** [...] envolvem ações e enfatizam o que se aprende a fazer: ações corporais, técnicas de dança, ler, analisar, caligrafia, habilidades, procedimentos” (*idem*). Os autores enfatizam que o procedimento não se separa do conceito, ou o conceito não se separa do procedimento. Além da didática ser também procedimental, a *didática-ação*, na prática, é composta de conceitos, atitudes e reflexões.

E os autores complementam: “**Conteúdos atitudinais** – Orientados às atitudes, normas, valores, à convivência/como trabalhar em grupo, respeito à diversidade, solidariedade, desenvolver o prazer pelos estudos e pesquisas, ética” (*ibidem*). Essa tipologia de conteúdos é imbricada, contudo, é importante ressaltar que os conteúdos atitudinais são considerados, nesta pesquisa, como de extrema importância durante todo o processo de dançar quadrilha, pois vai além de simplesmente aprender uma sequência coreográfica de modo mecânico. Os grupos ajudam-se mutuamente, trabalhando em equipe, com respeito e com a valorização de todas as

peessoas. Dançar a quadrilha no grupo Luar do São João é, realmente, gostar de estar ali e de se desenvolver social e profissionalmente.

Thiollent (1986, p. 15) afirma sobre a pesquisa-ação: “Nossa posição consiste em dizer que toda pesquisa-ação é de tipo participativo: a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária”. O trabalho no grupo Luar do São João é feito de forma colaborativa e cooperativa, não somente com a dança, mas também nas diversas camadas existentes no grupo. Um dos maiores desafios, demorado e complexo, é a construção das coreografias do espetáculo; problemas no qual todos os participantes do grupo estão implicados.

E para além da resolução de um problema, trata-se de perceber o processo de aprendizado. Portanto, a nomeação desse processo é referenciada na “pesquisa-ação”. Segundo (Thiollent, 1986, p. 11), “Toda pesquisa-ação é participante, mas nem toda pesquisa participante é pesquisa-ação”. Isso porque a pesquisa participante é baseada em uma metodologia de observação na qual pesquisadores estabelecem uma relação com grupos ou pessoas de uma determinada investigação.

Trago aqui os processos de aprendizagem com coreografias relacionadas com a didática que desenvolvemos no grupo, a fim de aprender uma coreografia de forma mais fácil, por exemplo. E a proposta deste trabalho é entender a minha relação como professor, mesmo tendo relações amigáveis com diversas pessoas do grupo. Elas entendem o lugar do aprender, dando importância à didática no ambiente de ensaio. Ou seja, não é o mesmo espaço escolar no qual a didática é usada para o aprendizado dos componentes da educação básica.

Libâneo (2006) também é referência para construção desta proposta de *didática-ação*:

A didática é principal ramo da Pedagogia. Ela investiga os fundamentos, as condições, os modos de realização da instrução e do ensino. A ela cabe converter objetivos socio-políticos e pedagógicos em objetivos de ensino, de selecionar conteúdos, e métodos em função desses objetivos estabelecer os vínculos entre ensino e aprendizagem tendo em vista o desenvolvimento das capacidades mentais dos alunos (Libâneo, 2006, p. 25).

Os movimentos são criados junto às necessidades das pessoas participantes, colocando em prática uma didática específica para o grupo Luar do São João, tomando como referência, “ações corporais” de Rudolf Laban (Rengel, 2015). Essas ações propostas por Laban podem ser denominadas de coreografias cotidianas; e os movimentos criados nas quadrilhas juninas se assemelham a elas.

Argumento que é um modo de pensar e trabalhar que potencializa a dança da quadrilha junina, logo, Rengel *et al.* (2020), Rengel *et al.* (2018), Freire (1987) e Rengel (2015, 2021) são autores necessários para esta pesquisa.

A *didática-ação*, aqui proposta, tem ajudado as pessoas a aprenderem a dançar de acordo com as suas possibilidades e realidades. Por exemplo, quem não tem familiaridade vai aprendendo em um ritmo que respeita seu tempo, ao passo que, quem já tem experiência aperfeiçoa o que já sabe e compreende outra forma de trabalhar. Em resultado, o ensaio ocorre de maneira fluida, ademais, os procedimentos metodológicos utilizados levam as pessoas aprenderem com facilidade; como efeito, a quadrilha alcança um objetivo diário voltado para as competições.

Como já apontado, um objetivo desta pesquisa é também colaborar com outros grupos e escolas, isto, é, que as pessoas compreendam a importância de trabalhar da forma que estamos propondo. Além disso, a *didática-ação* busca contribuir como caminho de ensino/aprendizagem de dança dentro da quadrilha junina estilizada. A meta é valorizar a cultura junina, compreendendo e respeitando essa manifestação.

Figura 1 – Ensaio do Grupo Cultural Luar do São João



Fonte: Acervo pessoal (2023).

A seguir são apresentados, em sessões, os processos que ocorrem durante a temporada junina.

3.1 SESSÃO 1 – CHEGANDO À QUADRA

É o momento de as pessoas chegarem, em grupos, sozinhos, a pé, de moto, grupos de bicicletas, micro-ônibus, com sua saia ou com seu chapéu na mão. Chegamos para nos preparar para, mais ou menos, seis horas de ensaio aos domingos. Trocamos de roupa e falamos sobre o nosso dia a dia, algumas brincadeiras aparecem por meio de cumprimentos afetuosos, com abraços de companheirismo. Aos poucos, vamos chegando e reconhecendo o espaço. Planejamos o que é preciso melhorar de uma forma geral, e informamos às pessoas que são coreógrafas. Começamos a organizar e planejar como o ensaio deverá seguir, e à medida que as pessoas vão chegando, eu vou repassando ou alinhando as movimentações, limpeza dos movimentos (repetições), mudanças e sugestões.

Figura 2 – Ensaio na sede do Luar do São João



Fonte: Acervo pessoal (2023).

3.1.1 A *didática-ação*

3.1.1.1 O que é

Esta é uma *didática-ação* realizada com o grupo cultural Luar de São João. Uma proposição é a de que esta também possa ser útil para profissionais da dança, em especial pessoas que trabalham com a quadrilha junina. Que esses, possivelmente, possam ser orientados a uma organização e planejamento do ensino de dança, nesse contexto, por meio do passo a passo para o ensino na quadrilha estilizada.

É possível afirmar que a interação entre o coreógrafo e os integrantes da quadrilha e todas as outras pessoas que a compõem, configuram uma pesquisa-ação. É uma relação com a ação ou resolução de um problema em conjunto, porém as dificuldades estão sempre presentes. E de modo cooperativo e colaborativo, as questões são resolvidas em várias etapas da quadrilha junina, tais como: montagem e finalização das coreografias; produção de cenografia e figurino; idealização de maquiagem de acordo com a temática; criação de um casamento que esteja coerente com a proposta; os diversos contextos musicais incluídos nos repertórios que identificam e reafirmam a cultura popular nordestina, entre outras camadas presentes dentro do universo junino.

Para Thiollent (1986), a pesquisa-ação é:

Entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1986, p. 14).

A *didática-ação* surge de entrelaçamentos com a pesquisa-ação. No ensaio da quadrilha junina, um dos maiores problemas questionados são os métodos usados no ensino da dança (passagem da coreografia). Os procedimentos metodológicos que uso são, na maioria das vezes, construídos a partir das sugestões dadas pelo coletivo. Essa associação é direta com quem está à frente ao ensaio, ou seja, quem é parte do problema está envolvido de modo cooperativo e participativo. É muito comum os dançarinos e as dançarinas sugerirem movimentação, ou alguma outra ação que eles entendam ser coerente para o momento. É uma forma de ajudar a deixar o processo mais dinâmico a fim de que possamos avançar mais rápido para outras coreografias. Desse modo, é parte da *didática-ação* o fato de as pessoas envolvidas opinarem, participarem e aprenderem.

Em geral, a ideia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados (Thiollent, 1986, p. 16).

Como a pesquisa-ação é considerada uma estratégia metodológica de uma pesquisa social, pondero que a quadrilha junina é um contexto similar. Faz sentido entender que não é uma investigação limitada. Existem muitos assuntos que surgem com a quadrilha, trata-se de um coletivo, reiterando, que, de forma colaborativa e participativa, trabalha, incansavelmente, durante horas, por quase um semestre, para obter um resultado em comum. Todavia, nos ensaios, a pesar de haver demandas a serem resolvidas em um curto espaço de tempo, busco respeitar os limites dos participantes, de forma individualizada, haja vista que, compreendendo a nossa realidade de trabalho, de sobrevivência, de dificuldades.

As ações da *didática-ação* estão sempre abertas a novas proposições, ideias, construções de tema, por exemplo, e principalmente no desenvolvimento das coreografias. Os participantes se sentem à vontade para expressar suas opiniões, contribuir e participar, sugerindo movimentações, indicando um caminho no qual percebem que se encaixam melhor em uma evolução e dentro de uma determinada música, por exemplo. E é isso o proveitoso. Dessa forma, as pessoas quadrilheiras juninas, durante o processo criativo, podem se sentir como “brincantes” (Nascimento, 2013), pois, conforme Thiollent, (1986) “[...] não se trata de um produto limitado e padronizado e que esteja dentro dos parâmetros no sentido de um pensamento que deve ser seguido”.

Para Rengel e outros autores (2020, p. 16), “A Didática é matizada por um contexto mais amplo que engloba a sociedade, a comunidade, a pessoa e, sem dúvida, os processos de ensino”. E a didática aparece nesses processos a partir das práticas vivenciadas e pensadas no grupo cultural Luar do São João, evidenciando de que modo organizações como essas podem dar sentido ao mundo por meio da forma como organizam, desenvolvem e avaliam o ensino de dança. Por isso, ratifico que espero que esta *didática-ação* possa ser um material útil para as quadrilhas juninas que têm crescido a cada ano Brasil. Quiçá, um suporte para os profissionais da dança que precisam de um meio facilitador para construção de ideias e de coreografias nesses contextos.

3.1.1.2 Por que

É importante entender que no movimento junino existem processos educativos, além dos sociais, culturais e econômicos. O coreógrafo, o assistente de coreografia, o coordenador artístico, o ensaiador, entre outras pessoas que constituem o grupo, de modo geral, não percebem uma didática presente inserida nas atividades realizadas durante as temporadas de ensaios e apresentações. Sendo assim, é importante salientar a importância da didática nos processos de ensino de dança, ou seja, conhecer o conjunto de conhecimentos, princípios, técnicas e estratégias usadas para planejar, desenvolver e dimensionar o processo ensino-aprendizagem.

Para Damis, 2012:

[...], dadas as condições e necessidades predominantes na formação social mais ampla, a finalidade da escola será vivenciada na forma de ensinar e transmitir ao aluno uma visão teórico-prática de mundo, isto é, uma determinada forma de pensar e agir. Assim concebida, essa forma de ensinar, além dos conhecimentos, dos hábitos, das habilidades e dos valores transmitidos, possui um conteúdo implícito, uma concepção de sociedade, de homem, de educação. Este conteúdo é vivenciado por meio das relações e ligações que o aluno é levado a estabelecer entre um objeto de conhecimento e o mundo, a sociedade, o homem, a ciência, a tecnologia etc. (Damis, 2012, p. 23).

A escola tem uma forma estabelecida de ensinar, garantindo o aprendizado por diversos métodos de ensino, e o mesmo deve ocorrer no ensino de dança na quadrilha junina, compreendida aqui como uma educação que é ensinada fora da escola.

Maria da Glória Gohn (2014) aborda processos de aprendizagem construídos em processos sociais coletivos e participativos. Neles o aprendizado também acontece, todavia, é gerado no campo da educação não formal e não na estrutura escolar. Assim, os movimentos sociais, e outros atores como ONGs, entidades de terceiro setor, como fundações, entidades beneficentes, organizações sociais e outras são produtores e agenciadores dos saberes. Há um modo de participação da sociedade e um modo da aprendizagem coletiva.

Aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – ocorrendo em espaços da família, bairro, rua, cidade, clube, espaços de lazer e entretenimento; nas igrejas; e até na escola entre os grupos de amigos; ou em espaços delimitados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia, sempre carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados (Gohn, 2014, p. 40).

O grupo Luar do São João é um ambiente de educação não formal, exatamente por estar inserido nas características de agenciadores de saber mencionada pela autora. O Luar é do

bairro, da cidade, da comunidade; cheio de princípios, valores culturais e pessoais. As pessoas que por lá passam, aprendem não somente a dançar por meio da didática proposta com suas metodologias e conteúdos procedimentais, atitudinais e conceituais, mas a conviver em contexto diverso de etnia, religião, sexo, pertencimentos e sentimentos.

Entender a educação não formal dentro do grupo é refletir sobre a importância de que em ambientes fora da escola também se aprende. Saber a responsabilidade que é estar inserido em um grupo que se preocupa com o ensinar e o aprender, com a produção do conhecimento, a profissionalização das pessoas e a representatividade que isso tem na vida dos dançarinos.

Os participantes, na realização das atividades, apreendem uma marcação que será usada dentro de uma coreografia, aprendem a coreografia, que as vezes envolve estilos diferentes, isso dentro de pouco tempo, e aprendem a limpeza dos movimentos (repetições) em busca da igualdade e padronização dos movimentos.

Na quadrilha junina, a visão teórico-prática é composta por conteúdos que contribuem para formação da pessoa cidadã; a construção de um ser social, com habilidades, com reconhecimento de nossos princípios e valores, compreendendo as relações e a vivência em coletivo, e valorizando o aprendizado. Logo, o experienciado nos ensaios também é educação, e transforma vidas, abre espaço para as oportunidades.

A maioria das pessoas que dançam quadrilha junina são pessoas em situação de vulnerabilidades sociais, moradoras de bairros periféricos e comunidades carentes, sem apoio governamental, e sem acesso às políticas públicas culturais que valorizem os movimentos juninos do Brasil. Assim sendo, nesse contexto, a quadrilha junina do Luar de São João é mais que entretenimento, é transformação, é dança, é teatro, é música, é arte.

3.1.1.3 Para que e para quem

Este material é um compilado das ações no grupo Luar de São João e intenta ser de proveito para pessoas que trabalham especialmente com quadrilha junina. Ele contribui para organizar o ensino por meio de uma *didática-ação* que facilite a construção de coreografias e o ensino de dança para pessoas que têm ou não experiências com dança. As escolas de ensino fundamental que trabalham com a cultura popular, em especial a quadrilha junina, também podem se utilizar deste produto como material didático.

Entender as ações do corpo e entender-se como corpomente (Rengel, 2021) – ou seja, como alguém que pensa, sente, que não se trata de “ter” um corpo, como algo apenas físico – expande e facilita o entendimento das suas próprias ações, na dança e, muito provavelmente,

na vida. Ao perceber o eu/corpo, em seus aspectos globais, relaciono essa perspectiva aos movimentos que reproduzo na quadrilha junina; compreendo-o como complexo, emocional, físico, expressivo, funcional e racional, nas palavras de Rengel (2021), “Corponectivo”.

Esses procedimentos da *didática-ação* podem trazer contribuição para a composição de coreografias, dado que se mostra uma dificuldade para os professores o fato de a maioria das pessoas participantes não terem vivências nas quadrilhas juninas. Podem, também, auxiliar profissionais que já possuem experiência com dança e que vivenciam a quadrilha como suporte para saber como irão conduzir o ensaio de um grupo e orientar na construção de uma célula coreográfica a partir das ações corporais. E no caso dos professores de escolas de educação básica, apontam caminhos a serem seguidos no período das festas juninas. Isso sem deixar de respeitar a didática que cada profissional, por ventura, já empregue.

Desse modo, proponho, nesta *didática-ação*, duas vertentes para orientação específica de profissionais que atuam nas quadrilhas juninas: uma para as competições em festivais e outra para as quadrilhas do âmbito escolar. Juntam-se a essas duas vertentes o direcionamento do ensino de dança e o desenvolvimento do processo coreográfico dos coreógrafos. O conceito de “ação corporal” de Laban (Rengel, 2015) é utilizado como referência para a criação do passo a passo de uma sequência coreográfica, pois defendemos que é mais fácil para pessoas, com ou sem experiência em dança, aprenderem a dançar a partir de movimentos que já fazem cotidianamente, tais como andar, saltar, torcer, ir para frente ou para trás, por exemplo.

3.2 SESSÃO 2 - VESTINDO A SAIA E COLOCANDO O CHAPÉU

Esse é o momento em que a maioria das pessoas já está no local do ensaio. É orientado que nós, dançarinos e dançarinas, comecemos a nos preparar para o aquecimento coletivo. Cada dama veste sua saia e coloca seu salto; o cavalheiro calça o seu tênis e usa o seu chapéu. Não é permitido dançar sem a saia, chapéu e o sem o calçado apropriado, visto que, além da questão estética, é fator de segurança ensaiarmos devidamente preparados.

Há uma política de organização adotada internamente, exclusiva do grupo, e se esta não for cumprida, pode gerar constrangimentos, e o participante até mesmo ficar sem ensaiar. Esse é um posicionamento aceito. As pessoas participantes percebem a seriedade do trabalho que é feito em quadra e que existe uma forma de trabalhar a ser seguida. A seriedade não tem a ver com posicionamentos rígidos vindos da direção da quadrilha quanto ao que não pode ou o que pode, mas do fato de entender, por exemplo, que pisar fora da linha, literalmente, resulta em

sair do alinhamento quando estamos dançando. É, portanto, uma questão de reflexão sobre os efeitos de nossas atitudes dentro do grupo.

Figura 3 – Elenco Luar do São João em 2023



Fonte: Acervo pessoal (2023).

3.2.2 Didática e método

Durante os processos coreográficos, tenho percebido uma fragilidade na organização do que vai ser compartilhado como ensino. Não pontuo apenas a dança, mas todos os processos de ensino que estão envolvidos nos ensaios. Nas minhas vivências como facilitador, percebo que as pessoas se desenvolvem e aprendem com minha metodologia de forma rápida e fácil. Possível afirmar que tal fato tem a ver com a organização da *didática-ação*.

Segundo Libâneo (2006), a Didática e as metodologias específicas formam uma unidade, mantendo entre si relações recíprocas. A Didática trata da teoria geral do ensino. As metodologias, integrando o campo da Didática, ocupam-se dos conteúdos e métodos próprios de cada matéria na sua relação com fins educacionais. A Didática com base nos seus vínculos com a Pedagogia, generaliza processos e procedimentos obtidos na investigação das matérias específicas, das ciências que dão embasamento ao ensino e à aprendizagem e das situações concretas da prática docente.

Para Libâneo 2006:

O termo “Didática” aparece quando os adultos começam a intervir na atividade de aprendizagem das crianças e jovens através da direção deliberada

e planejado do ensino ao contrário das formas de intervenção mais ou menos espontâneas de antes. Estabelecendo – se uma intenção propriamente pedagógica na atividade do ensino, a escola se torna uma instituição, o processo de ensino passa a ser sistematizado conforme níveis, tendo em vista a adequação às possibilidades das crianças, às idades, o ritmo de assimilação dos estudos (Libâneo, 2006 p. 58).

Nesse sentido, as quadras de ensaios se tornam ambiente de aprendizado de dança, pois, atualmente, existe uma sistematização no ensino das coreografias, o que e como deve acontecer o ensaio. O trabalho do professor, apesar de ter flexibilidade, é uma atividade intencional e com planejamento que requer uma estrutura mínima e precisa ser organizada para que os objetivos do ensino, durante os ensaios, sejam alcançados.

É possível observar que os proponentes da criação de movimentos da quadrilha junina moderna agem, de modo geral, apenas baseados em ideias que precisam ser colocadas em prática para se fazer um trabalho de acordo com uma temática, e consideram suficientes os movimentos que surgem sem um planejamento e/ou uma organização.

Não que seja um problema imprimir movimentos a partir de uma ideia ou desejo. Porém, se pensarmos em como fazer, o que fazer, que caminhos seguir e como avaliar, mais precisamente, pensarmos em um caminho didático, a coreografia, o processo, as ideias, os ensaios fluem de uma forma assertiva.

Não estou afirmando, com isso, que, necessariamente, as aulas ou ensaios devam seguir rigorosamente um esquema. Quanto à estruturação da didática da aula, Libâneo afirma:

A indicação de etapas do desenvolvimento da aula não significa que todas as aulas devam seguir um esquema rígido. A opção por qual etapa ou passo didático é mais adequado para iniciar a aula ou conjugação de vários passos numa mesma aula ou conjunto de aulas depende dos objetivos e dos conteúdos da matéria, das características dos alunos, dos recursos didáticos disponíveis, das informações obtidas na avaliação diagnóstica etc. (Libâneo, 2006, p. 179).

Os ensaios nunca seguem o mesmo caminho, até porque os conteúdos mudam a cada encontro. Por exemplo, em um dia, se trabalham apenas as marcações juninas que serão utilizadas dentro do espetáculo; em outro dia, é trabalhada apenas uma coreografia específica com todas os participantes juntos ou divididos em grupos. Em outra oportunidade, é priorizada apenas a montagem coreográfica. Assim, a didática vai sendo construída conforme a necessidade do trabalho desenvolvido. Logo e prontamente, entra a metodologia, que é o como você faz. A metodologia é um componente importantíssimo da didática, mas não deve ser confundida com ela.

A metodologia de ensino é uma das subdivisões da Didática que corresponde a “como” um professor organiza seus caminhos para ensinar. Grosso modo,

podemos comparar a metodologia de ensino adotada pelo professor a uma estrada escolhida por ele para chegar a algum lugar: suas perspectivas, intenções e princípios norteadores. Nessa comparação, se a metodologia é a “estrada”, a Didática seria o “mapa” completo do território que situa o contexto geográfico da estrada” (Marques, 2010, p. 189).

A metodologia no ensino na dança é umas das coisas mais lindas que já vivenciei. É prazeroso quando os participantes do grupo junino relatam que conseguiram aprender facilmente a coreografia a partir do modo como lhes foi passada. Alguns profissionais no contexto junino não percebem a diversidade dos corpos dançantes e a dificuldade de alguns participantes em aprender movimentos simples e isso implica em insegurança e não promove a autoconfiança. Na maioria das vezes, a dificuldade não está em quem aprende e sim em quem está ensinando.

Trago essa reflexão porque pensar o “como” ensinar, seja dança, atividades corporais ou outros processos que tenham essa característica, requer a metodologia. E saber o que e como você está ensinando dentro da quadrilha junina pode ajudar em diversas camadas o aprendizado por meio da dança. Paulo Freire (1987) destaca a necessidade do respeito, da compreensão, da humildade e do equilíbrio das emoções entre educadores e educandos em seus métodos de ensino. Ensinar não é transferir conhecimento.

Durante os processos coreográficos, os dançarinos afirmam que precisam, primeiro, entender a movimentação, para depois executá-la, e que precisam repetir várias vezes para entender (ver o movimento) para “depois” experimentar no corpo, o que reflete o entendimento de corpo separado da mente. Entender, ver, experimentar são instâncias de um mesmo “corpomente”. Corpos e mentes não têm que se integrar, pois já são integrados, “corponectados” (Rengel, 2021); conceito-chave que levo para o ambiente da quadrilha junina.

Nem todas as pessoas entendem alguns conceitos e algumas provocações que são aprendidas durante o percurso acadêmico, primeiro, por não fazerem parte de sua realidade, segundo, por acharem que aprender uma coreografia é apenas físico, muscular, relacionando com o fazer ou aprender por meio de repetições.

Infelizmente o pensamento tem sido esse, mas como proponente e pesquisador, busco fomentar essa importante compreensão de que corpo e mente são uma integridade. Na quadrilha junina, principalmente nos processos coreográficos, somente é interessante aprender e executar. O como, o porquê, têm suas fragilidades.

Para Katz e Greiner (2005),

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o

resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. E com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão (Katz; Greiner, 2005, p. 131).

Ocorre, de modo amplo, um entendimento equivocado de que a informação só passa pelo corpo. De fato, nos apropriamos da informação seja ela qual for, pois entra em negociação com o que a gente já tem de experiência, na vida, no trabalho, na escola, na rua, nos palcos, nos festivais, nas viagens. Toda informação que recebemos permanece, mesmo que de modo inconsciente. As informações aprendidas nos ensaios são armazenadas de fato, mas com o passar do tempo, elas se modificam. Ocorre a facilidade de aprender novas coreografias, ou novos passos.

As pessoas que estão dançando quadrilha junina pela primeira vez, após um período, relatam a facilidade de memorizar, se apropriar e realizar movimentações; já se emanciparam. Sem perceberem que o corpo é mídia de si, das experiências e dos armazenamentos de suas próprias vivências. Não como um veículo que só transmite.

3.2.3 Quadrilha não hegemônica e emancipatória

Uma perspectiva não hegemônica protagoniza a participação ativa e reconhece a importância do diálogo, a fim de estabelecer conexões entre a realidade das pessoas envolvidas e os conteúdos a serem desenvolvidos. Nessa configuração, com a relevância da cultura e do contexto social em evidência, o estímulo à reflexão crítica e criativa promove uma aprendizagem emancipatória, formadora de pessoas que além de dançar atuam como sujeitos transformadores da sociedade.

Nesse sentido engloba todas as pessoas envolvidas, não apenas quem dança, mas quem escreve, quem faz a maquiagem, quem dirige e cria o espetáculo, quem confecciona o figurino, enfim, as pessoas que fazem o trabalho acontecer por meio da conversa, da cumplicidade e de um trabalho em comum pensando no todo. Existem os trabalhos direcionados e os específicos que devem ser feitos, mas há um entendimento de que cada pessoa pode contribuir de algum modo.

A quadrilha junina do Luar é um coletivo de aprendizado em que todas as pessoas participam, mesmo que indiretamente. Aquele que está à frente, conduzindo o ensaio, também aprende por ensinar. É uma troca constante e honesta. Os corpos se olham e se nutrem de

conhecimentos quando são afetados um pelo outro no dançar. E ajudam-se em um momento de dúvida quando um movimento é demonstrado.

No ambiente das quadras, aprende-se muito com a dança. Aprendemos a conviver em sociedade, a nos relacionar de diferentes formas com uma variedade de pessoas, pensamentos, sensações e desejos. Reconhecer a importância do diálogo em um grupo de mais de cem pessoas dançando ao mesmo tempo é bem desafiador, porém não é impossível. No grupo Luar do São João as relações são sólidas no sentido de estabelecer conexões entre os conteúdos (coreografias/ensaio) e as atividades que devem ser desenvolvidas. O grupo trabalha sempre junto em prol de um bem maior: a quadrilha.

Esse pensamento é um dos pilares que fazem o grupo ser reconhecido de forma organizada e sistematizada, pois sempre é pensado primeiramente no todo, ou seja, a quadrilha é a prioridade. Buscamos sempre a homogeneidade, não somente de uma dança sincronizada e bem executada, mas de um trabalho em conjunto, em que todos participam da maioria das atividades, desde a organização do ensaio ao bordado do último figurino.

Segundo Almeida e Lélis (2006):

Na quadrilha junina atual, o sentido de celebração à vida está presente. Percebe-se, contudo, que essa manifestação não é mais resultado de ritos que comemoram a fecundidade, mas de encontros que proporcionam o movimento de grupos sociais que encontram, no dançar a quadrilha, ou mesmo no promovê-la, uma alternativa de ocupação e, possivelmente, de profissionalização (Lélis, 2006, p. 18).

Como salienta a referência acima, dançar quadrilha hoje é mais sobre quem dança, do que homenagear os santos como antigamente. É importante exaltar os santos, sabendo que as festas não só existem para homenagear, mas para festejar a colheita do milho, a festa dos noivos, a fartura, alegria. Mas o que se vive, as relações que se criam, as sensações que geram e principalmente as memórias que ficam durante todo o processo, desde os ensaios até os festivais, é inesquecível.

E nesse lugar de não hegemonia, não se exerce poder sobre as coisas ou as pessoas que ali estão. É um convívio de respeito, no qual se entende a realidade de cada dançarino ou dançarina de poder estar ali dentro das suas condições e realidade de vida. Agimos de modo diferente de outros grupos de quadrilha existentes em cidades do Piauí, nos quais os dançarinos e as dançarinas precisam arcar com os custos, por exemplo, pagar pelo figurino; no grupo Luar tudo é fornecido gratuitamente.

3.3 SESSÃO 3 - AQUECENDO COM A MARCAÇÃO

Após todo o processo de chegada e da “arrumação” para começar o ensaio, existe um processo que antecede a montagem de coreografias, as limpezas das movimentações, ou a passagem do espetáculo completo. É o aquecimento. Isso é novo no São João. Depois de todos e todas devidamente fardados (com as vestimentas) nos posicionamos em quatro filas de pares. Acontece também a divisão de cavalheiros para um lado e damas para o outro. Vai depender de quem vai propor o aquecimento.

Eu particularmente, trabalho marcações específicas que serão usadas nas coreografias, para facilitar e agilizar o processo de passagem de coreografia, penso mais no aprendizado. Para que no momento de limpeza dos movimentos (repetições), as pessoas não tenham tanta dificuldade em conseguir realizar o movimento na hora da execução da coreografia. Em outros grupos juninos, em outras cidades, como forma de aquecimento, para algumas quadrilhas é colocado um *fit dance*, por exemplo; ou seja, músicas de outros ritmos. Tal aquecimento, geralmente, é coordenado por um profissional de educação física do grupo, que de outra forma insere um contexto de dança diferente, diverte e descontraí o ambiente ajudando no aquecimento para o ensaio como um todo.

Figura 4 – Espetáculo Luar do São João *Cuscuz nosso de cada dia*



Fonte: Acervo pessoal (2022).

3.3.1 Ação corporal como coreografia

Esta sessão é o ponto chave de toda a pesquisa. Espaço no qual me debruço sobre as ideias que desenvolvi durante as experiências juninas, relacionando-as com a ação do corpo a partir dos movimentos cotidianos e de nossas ações. O material didático surge do entrelaçamento entre as ações descritas por Laban (1954 apud Rengel, 2015) e os movimentos que são feitos nas coreografias juninas.

É muito rico perceber como a dança se evidencia em cada corpo. Ao analisar várias referências, principalmente o *Dicionário Laban* (Rengel, 2015), compreendi que a dança envolve ação corporal; ação integral, da pessoa em seus aspectos intelectuais, espirituais, emocionais e físicos; e não apenas os gestos, como eu compreendia anteriormente.

Apreendi, também, que as coreografias e variações de movimentações se relacionam com espaço, peso e tempo, que são condicionantes para uma ação básica de esforço que é diferente da ação corporal.

Ação e/ou ação corporal é uma sequência de movimentos onde uma atitude do agente resulta num esforço definido, o qual, por sua vez, imprime uma qualidade ao movimento. [...] Laban ressalta que atitude, esforço e movimento dão-se simultaneamente e que o termo corporal engloba os aspectos intelectuais, espirituais, emocionais e físicos, ou seja, o corpo é uma totalidade complexa. Há infinitas ações: correr, torcer, pular, engatinhar, saltitar, enfim todas as ações que os agentes fazem, sempre com a ideia de Laban de que a ação não é só física ou mecânica (Rengel, 2015, p. 27).

Neste tópico descrevo algumas ações do corpo que geram coreografias no Luar de São João. Com as adaptações, os movimentos ganham força, e passam a ser padronizados a partir das repetições. Como exemplos, as marcações femininas e masculinas, as movimentações com os chapéu e as saias, as movimentações coordenadas com os membros superiores, inferiores, as mudanças de direção e de espaço.

As coreografias são criadas a partir de passos pré-estabelecidos por padrões que são adotados na dança junina no Brasil. Atualmente, porém, cada região, entendendo o seu modo de fazer e dançar, se associa a uma determinada variação do corpo, de lugar, de modo de dançar. Nos processos de aprendizagem da Luar, utilizamos dez tipos de ações corporais e outros modos de movimentos, conforme descritos no *Dicionário Laban* (Rengel, 2015) e reproduzidos a seguir.

- **AÇÃO BÁSICA DE ESFORÇO:** Ação na qual fica evidente uma atitude do agente perante os fatores de movimento espaço, peso e tempo.

- **AÇÃO DO ESFORÇO COMBINADA:** Ação que caracteriza-se por ser uma ação que faz parte de uma sequência e/ou ritmo de esforço. As ações combinadas se dão nas ocupações cotidianas, esportes e outras atividades corporais.
- **AÇÃO DE ESFORÇO COMPLEXA:** Ação que caracteriza-se por explorar, ao máximo, as possibilidades de movimento de uma parte do corpo.
- **AÇÕES DE ESFORÇO PRINCIPAIS:** Correspondem a duas ações fundamentais na movimentação humana: recolher e espalhar. Ambas se desdobram em manifestações de movimento amplamente variadas.
- **ACENTO RÍTMICO:** Se refere à ênfase dada a um momento do percurso dos movimentos. Os acentos rítmicos podem ser efetuados no início, no meio, ou no fim de uma frase de movimento. Conforme o grau de tensão, os acentos rítmicos são leves ou firmes. De maneira geral, os acentos rítmicos são súbito.
- **DIREÇÕES DIMENSOIONAIS, DIAGONAIS E DIAMETRIAS:** As vinte e sete direções espaciais formam a orientação espacial discriminada por Laban. As direções indicam locações (lugares no espaço) de mesmo nome. Em relação ao corpo do agente, a sensação é que estas direções são irradiadas a partir do centro do corpo. No centro do corpo ocorre a interseção das três dimensões, que formam seis direções dimensionais. A partir do centro do corpo, entre as dimensões, correm quatro linhas oblíquas que formam as oito direções diagonais. A partir do centro do corpo, entre duas dimensões e duas diagonais, correm seis linhas oblíquas que formam as doze direções diametrais.
- **CAMINHO ESPACIAL:** Esse caminho é produzido pela locomoção, normalmente empregado para trajetórias traçadas no chão. Os caminhos espaciais podem ser retilíneos e/ou angulares e/ou curvos e/ou sinuosos.
- **CENTRO DO CORPO:** Denominado a região do umbigo. Esta noção é fundamental no sistema de Laban, pois toda sua conceituação espacial parte deste centro. Toda a orientação espacial discriminada por Laban irradia deste centro.
- **CINESFERA:** É a esfera dentro da qual acontece o movimento; também denominada de kinesfera. É a esfera de espaço em volta do corpo do agente no qual, e com o qual, ele se move. O centro da cinesfera é o centro do corpo do agente, e/ou o corpo todo do agente e a locação central da cinesfera. Cinesfera é a esfera pessoal de movimento.
- **CINESFERA EXTERNA:** Essa cinesfera tem relação com a pele e é elástica como a pele é. A capacidade de elasticidade da cinesfera permite ao agente interagir com o espaço e outras cinesferas. Por exemplo, a cinesfera encolhe-se no espaço público do

elevador, cheio de gente, garantindo o movimento e expande-se numa praia deserta ou rua com pouca gente em volta.

As ações corporais, os acentos rítmicos, os caminhos espaciais, os modos de cinesfera formam um conjunto vasto de variedades de movimentos sutis ou não. Laban (1954), descrito por Rengel (2015), afirma que a ação corporal é como um impulso característico do movimento do ser humano, executado com uma função, seja consciente ou inconsciente, e ocorre no espaço, durante certo tempo, empregando determinada força. Na preparação dos corpos no Luar, nas coreografias da quadrilha, busco empregar essas ações, como por exemplo, torcer, saltar, correr. Por esse processo, é possível considerar que acontece uma *didática-ação*, isto, uma didática emancipatória, haja vista serem inspiradas em ações que o corpo quadrilheiro identifica como sendo relacionadas às ações que são executadas em seu dia a dia.

3.4 SESSÃO 4 – ENSINANDO A COREOGRAFIA

Momento da *didática-ação* em que, de fato, é ensinado as coreografias da temporada, ou da temática que foi escolhida para ser trabalhada. Como coreógrafo tenho atenção de ensinar corretamente todos os movimentos e não pular etapas, pois, é neste momento que os dançarinos estão em processo de aprendizagem. Então precisamos ser o mais explícitos possível e pacientes durante o ensino das coreografias, nem sempre temos quadrilheiros experientes, assim, é necessário paciência e dedicação para ensinar e todos aprenderem de forma tranquila.

Também é a parte em que acontecem os ensaios gerais mais perto das apresentações e festivais competitivos, com uma banda, cenografia completa, figurinos, adereços e efeitos de pirotecnia (show de luzes). É o momento em que a quadrilha já está praticamente montada, faltando apenas detalhes para serem corrigidos. O coletivo está confiante em suas danças, ou até mesmo, criando outras possibilidades de dançar o que aprenderam durante esse processo.

Figura 5 – Ensaio Luar do São João - coordenação de ensaio



Fonte: Acervo pessoal (2023).

3.4.1 Elementos do movimento na dança – ação corporal é coreografia

A partir de ações básicas e das referências de Laban (1954, Rengel, 2015) a uma correlação emocional, física e intelectual, como dito, pude criar movimentações e coreografias para o contexto junino; o que resultou na criação de manual de aprendizagem, conforme descrito a seguir.

- **AÇÃO BÁSICA DE ESFORÇO:** Torcer, flutuar, deslizar, sacudir. Alguns movimentos na quadrilha junina, chamados de marcações, são padronizados para as damas e para os cavalheiros. As execuções partem dos princípios dessas ações.
- **Torcer:** São movimentos que podem ser executados por todos, porém o que diferencia a execução são os elementos, como o chapéu e a saia, e podem existir diversas variações de níveis e direções com o mesmo movimento.
- **Damas:** Pegando na saia lateralmente em relação ao quadril, as mãos em forma de pinça com o dorso da mão flexionado para baixo, deve elevar as mãos até a linha do ombro formando uma linha horizontal dos braços na mesma altura, como uma postura inicial. Em seguida, o pé direito vai para frente e para trás em um ritmo contínuo. A mão esquerda segue o esquema contrário, ou seja, quando o pé direito for à frente, a mão esquerda abraça o corpo e a mão direita vai para trás, a seguir, quando o pé direito for para trás, a mão direita vai para frente, abraçando o corpo.

- **Cavalheiros:** A perna direita à frente, distribuindo o peso corporal na perna esquerda, as duas mãos atrás, na região lombar, e o peito direcionado para frente, com o olhar ao horizonte, como uma postura inicial. O pé direito vai para frente e para trás em um ritmo contínuo, com a mão direita segurando o chapéu e a esquerda na mesma posição. A movimentação do chapéu é estendendo e flexionando o cotovelo para a diagonal direita cima; quando o pé direito for à frente, elava-se o chapéu, quando o pé direito for para trás, o chapéu volta para a cabeça, o pé esquerdo sempre servirá como uma base.
- **Flutuar:** É a intenção da movimentação, uma execução com leveza deixando-a harmônica, fluente, contínua e natural. É um direcionamento que pode ser orientado para todos os dançarinos e as dançarinas.
- **Deslizar:** O movimento deslizado é quando os dançarinos se deslocam no espaço sem saltos, ou saltinhos pequenos. Os pés permanecem em contato direto com o chão. São característicos e combinados na ação torcer. Levemente é tirado apenas o calcanhar do chão para evidenciar o movimento do quadril e o balanceio lateral.
- **Damas:** O movimento acontece lateralmente, para as direções direita e esquerda, ao contrário do torcer que é para frente e para trás. O movimento é coordenado com os braços e as pernas no mesmo sentido. Os pés vão para direita e esquerda, as mãos posicionadas na saia como forma de pinça gerando um balanço de um lado para o outro, porém, quando o balanceio for para a direita, o braço esquerda abraça o corpo, quando o balanceio for para esquerda, o braço direito abraça o corpo.
- **Cavalheiros:** O movimento acontece lateralmente, para as direções direita e esquerda, ao contrário do torcer que é para frente e para trás. O movimento é coordenado com os braços e as pernas no mesmo sentido. Os pés vão para direita e esquerda, a mão esquerda fica atrás na região lombar, a mão direita segurando o chapéu. Quando o balanceio for para a direita, o braço esquerdo estende o cotovelo na linha do ombro ou na diagonal em cima, quando o balanceio for para a esquerda, o mesmo braço flexiona ou recolhe para a região peitoral ou é colocado na cabeça.
- **Sacudir:** É um movimento mais direcionado para as damas no mexer e mexido de saia. É uma dinâmica mais acelerada, é geralmente usada para evoluir nos desenhos coreográficos, e também ficar marcando no próprio lugar.

- **Damas:** Pega-se na saia lateralmente, e os movimentos das mãos é coordenado com os braços, quadril, joelhos e os pés. Ele pode ser ensinado de duas formas, começando pelas mãos ou pelos pés. Naturalmente, quando você começa a movimentar pelos pés, com uma leve elevação do calcanhar, movendo para direita e esquerda, automaticamente os joelhos flexionam e o quadril seguem o mesmo sentido de um lado para o outro. As mãos e o movimento da saia seguem o mesmo sentido e lado. A intenção do movimento é realmente sacudir a saia para esquerda e para a direita.
- **AÇÃO DO ESFORÇO COMBINADA:** Bater palmas, andar, correr, varrer. São movimentos mais coordenados e que exigem um pouco mais de atenção e resistência dos dançarinos e das dançarinas. Podem ser usados movimentos da ação básica do esforço em diversas, direções e dinâmicas. Os movimentos são executados em um tempo maior e é usado em grande parte da quadrilha junina.
 - **Bater palmas:** É um tipo de marcação geralmente usada pelos cavalheiros, e a base é bem parecida com a das damas, a diferença é que eles usam as palmas ao passo que as damas usam a saia. Pode ser iniciada pela palmas das mãos ou pelos pés. Naturalmente, quando você começa a movimentar pelos pés, com uma leve elevação do calcanhar, movendo para direita e esquerda, automaticamente os joelhos flexionam e o quadril seguem o mesmo sentido de um lado para o outro. As mãos batendo uma sobre a outra, centralizada ao corpo, porém, a palma não segue o movimento do corpo, ela fica à frente do corpo na altura do pescoço. O que segue o sentido do corpo em movimento são os cotovelos levemente para o lado direito e para o lado esquerdo.
 - **Andar e Correr:** São duas ações com o mesmo princípio, o que os diferencia é a dinâmica em relação à velocidade da movimentação. Geralmente é usada para evoluir e formar desenhos coreográficos nos espaços, como rodas, túneis, filas, quadrados, diagonais, grupos, figuras geométricas simétricas e assimétricas. Para evoluir, é necessário executar algumas das ações citadas acima, ação básica do esforço ou ação no esforço combinada, ocupando, ou não, todo o espaço da quadra.
 - **Varrer:** É uma das bases que permite às pessoas aprenderem os passos juninos como a marcação padrão, sem palmas e sem o sacudido de saia; e está relacionado a uma ação rotineira. É um princípio básico, pois é ensinado inicialmente pelos braços. O movimento de varrer é constituído pelo ritmo (dinâmica), posição dos braços, balanceio

para o lado direito e esquerdo, que facilita o entendimento. Posteriormente, basta inserir as bases dos pés com a elevação breve dos calcanhares, flexão dos joelhos e o quadril coordenado com o movimento dos braços lateralmente. Para as damas, o movimento da saia em “S”, e para os cavalheiros, punho cerrado (mãos fechadas) e elevando os cotovelos passando na frente do corpo balanceando de um lado para o outro e mantendo a postura corporal.

- **AÇÃO DE ESFORÇO COMPLEXA:** Caracteriza-se por explorar, ao máximo, as possibilidades de movimento de uma parte do corpo.
 - **Damas:** Nessa ação, a variedade de movimentação é de uma parte do corpo escolhida, também podendo ser executado para um único lado, em direções, níveis, giros horários e anti-horários para direita ou esquerda no seu eixo. A mão esquerda na cintura e outra na saia com o punho da mão flexionado para baixo, fazendo o sacudido ou movimento do “S” apenas para a direita ou apenas para esquerda, podendo trocar o lado e fazer para qualquer direção.
 - **Cavalheiros:** Pode-se usar ou não o chapéu, fazendo movimentos para um único lado, com uma mão atrás do corpo e a outra livre, em diversas direções e níveis, giros em sentido horários e anti-horários, para direita ou esquerda, no seu eixo, sem o uso das saias.

AÇÕES DE ESFORÇO PRINCIPAIS: Recolher, espalhar para preparar gritos e animações (espreguiçar). É uma ação de todo o grupo, na qual se recolhe e se espalha em relação ao corpo, podendo também ser em relação ao espaço, de acordo com as evoluções ou os desenhos coreográficos.

- **Damas e Cavalheiros:** É o momento em que é preparado para as animações ou os gritos com muita força e emoção. O movimento requer uma contração torácica, individualmente ou em filas, fazendo a flexão no troco, de mãos dadas ou não, e soltar um grito para o ar como se estivesse na posição de espreguiçar.
- Outro movimento que pode ser criado é a flexão e extensão do troco, no qual, de mãos dadas ou sozinho, movimenta-se o corpo levado pelos pés, pisando à frente e atrás, deslocando-se para direita, para esquerda, permanecendo parado; o corpo em forma de estrela, se locomovendo em fila lateral recolhendo e espalhando.

- **ACENTO RÍTMICO:** Dinâmicas fortes relacionadas à execução das coreografias; diferente das dinâmicas, lento ou rápido. São as explosões do corpo. Partes fortes e batidas acentuadas na música como sustos ou espasmos do corpo, evidenciando a batida musical. Aqui a atenção maior é dada às músicas que são usadas dentro das coreografias. Algumas músicas tem um acento rítmico muito forte. E você pode usar as acentuações existentes dentro do processo, ou seja, criar movimentos a partir da música, alinhando ao acento rítmico do corpo.
- **Damas:** O acento aparece bastante no momento da rainha junina, em que o solo é caracterizado por pontuações corporais como poses, closes, paradas e acentuações. Uma parte mais glamorosa e de contemplação de uma beleza feminina.
- **DIREÇÕES DIMENSOIONAIS, DIAGONAIS E DIAMETRIA:** Amarrar um cadarço, trocar uma lâmpada, anerriê, anavantur. É onde existe uma facilidade maior de criação de movimento a partir das ações citadas anteriormente.
- **Amarrar o cadarço:** Amarrar o cadarço é uma ação fácil de ser identificada e têm relação com as direções. Podem surgir movimentos de palmas em baixo, ou jogar algo para baixo, com os braços, com o tronco, com o ombro, ondulações para baixo com o corpo, e a flexão de tronco, além de outros exemplos que foram citados anteriormente. Pode ser executado pelas damas e pelos cavalheiros.
- **Trocar a lâmpada:** Podem ser movimentos para cima, que damas e cavalheiros podem executar, tais como bater palmas em cima, como se tivesse jogando algo para cima juntos, alternados, com o tronco, o plexo solar, as intenções de animação, usar as mãos para cima; porém os mais usados e característicos são as palmas em cima e em baixo.
- **Anarriê:** São movimentos que podem ser criados e deslocados para frente, como pisadas, palmas, deslocamentos, com as pernas e com os braços, juntos ou alternados, subindo ou descendo o tronco.
- **Anavantú:** São movimentos que podem ser criados e deslocados para trás, como pisadas, movimentos que recuam, deslocamentos com referência às costas, com as pernas e com os braços, juntos ou alternados, subindo ou descendo o troco.

- **CAMINHO ESPACIAL:** Grandes rodas, caracol, túneis, formações em filas e diagonais, diversas formações no espaço. Momento de evoluções durante a criação da quadrilha.
- **Damas e Cavalheiros:** Geralmente é construído por todo o grupo, como uma grande evolução, e coreografias nas quais todos fazem a mesma movimentação, com a mesma direção, na mesma dinâmica, mesmo tempo musical, mesmo acento rítmico, entre outros. De alguma maneira, acontece em todos os processos e ações listadas acima. Podendo ser reproduzido de outra forma, em níveis, direções e tempos diferentes. Organizado de forma clara e objetiva, sem perder a figura dos desenhos coreográficos e as formações, priorizando o alinhamento e o modo como a quadrilha se locomove no espaço, mantendo os desenhos.
- **CENTRO DO CORPO:** É direcionado para que os dançarinos percebam e reflitam que tudo acontece a partir do centro do corpo.
- **CINESFERA:** É direcionado para que os dançarinos e as dançarinas percebam a importância da relação do corpo com o que está em seu entorno, e a diversas possibilidades de movimentação de seu corpo no seu espaço.
- **CINESFERA EXTERNA:** Salienta aos dançarinos e às dançarinas a relação do seu corpo com o corpo do outro, das possibilidades de interação e contato com outros corpos e com a plateia que assiste à apresentação.

3.5 SESSÃO 5 – APRESENTAÇÃO NO CONCURSO

Nessa etapa, já está tudo pronto, depois de um longo processo árduo. É o momento de extravasar em sentimentos e emoções tudo o que se aprendeu, não somente para si, mas para cada pessoa que participou do processo. Como coreógrafo, ensaiador, assistente, noivo junino, professor e pesquisador, reconheço cada momento vivido na prática, distribuído em dias exaustivos, estressantes e cansativos. Quando está tudo pronto e acontecendo como deveria acontecer, vem o alívio e a sensação de dever cumprido.

É a hora de celebrar e dançar como se não tivesse existido todo esse percurso, às vezes massacrante. É o importante momento de deixar a energia nos atravessar. Quem está assistindo,

de modo geral, nem tem ideia do quão árduo foi para chegar até esse momento. É hora de mostrar o trabalho que têm sido feito de modo cooperativo, colaborativo e participativo; resultado de muito suor, dedicação e responsabilidade. Uma apresentação que leve a alcançar os pódios dos festivais e de nossas vidas.

Figura 6 – Apresentação da Luar do São João no concurso de Maracanaú - CE



Fonte: Acervo pessoal (2023).

O principal objetivo da proposta da *didática-ação*, como dito, é facilitar o aprendizado das coreografias por pessoas que não têm experiência com a dança, principalmente a dança junina. Além disso, de acordo com as vivências no movimento junino, pessoas que já dançam quadrilha passam a ter maior facilidade de dançar outras danças. E os que se inserem na quadrilha junina, mas que são habituados de outros contextos de dança, conseguem, por meio dessa didática, aprender com mais facilidade os passos característicos da quadrilha junina.

3.5.1 Dentro do ônibus

Figura 7 – Pausa para o café da manhã em Estreito - MA



Fonte: Acervo pessoal (2023).

É o momento em que nos organizamos para fazer viagens inesquecíveis e importantes, para representar o estado do Piauí na maioria dos estados do Nordeste e do Brasil. Ao longo das horas que a viagem proporciona, novos aprendizados e novas relações se consolidam. Em razão da quantidade de membros do grupo, são disponibilizados três ônibus para comportar todos os dançarinos e as dançarinas de forma confortável e tranquila.

Cada ônibus tem seu nome, seus coordenadores, suas brincadeiras e suas festas. Em determinadas paradas, acontecem apresentações ou ensaios, em espaços improvisados, visando a produção de conteúdo para as redes sociais. Isso chama a atenção de quem por ali passa e observa uma cultura distinta daquela região.

É dentro do ônibus que acontecem discussões subjetivas sobre o que é feito durante meses, bem como é reforçada a conscientização da importância do movimento junino na vida das pessoas e do grupo, e do quanto foi difícil estarmos com tudo pronto. Ao olharmos para trás, somos lembrados de que, no início, parecia não haver a perspectiva de como e por onde começar o projeto, mas que, com o passar dos dias, ao passo que cada participante colaborou e realizou suas atividades, o espetáculo ganhou forma. Essa sensibilidade é gratificante, pois mostra que o esforço feito vale a pena.

A direção da quadrilha prioriza o conforto e a segurança. Além disso, se esforça para direcionar um olhar sensível às pessoas que não têm condições financeiras de arcar com

os gastos que ocorrem ao longo da viagem, desse modo, busca, por meio da Secretaria Estadual de Cultura, obter auxílio financeiro.

Nesse sentido, é importante trazer as palavras de Mira (2006), em relação a essa realidade envolvendo grupos da cultura popular nos últimos anos:

[...] as disputas em torno do “popular” ou do “folclórico” parecem deslocar-se, em grande parte, da esfera do debate político e da ocupação de um espaço no aparelho estatal para a esfera econômica, incluindo a disputa por verbas públicas, palco de uma luta feroz pela sobrevivência (Mira, 2006, p. 355).

Dentro desse contexto citado por Mira, o Luar também busca ocupar seu lugar. Atualmente, há um movimento organizado de quadrilhas juninas, com instituições representativas estruturadas em nível estadual, além de editais de fomento direcionados aos trabalhos de tais grupos e de incentivos municipais em algumas cidades.

Os principais eventos ligados à exposição dos trabalhos desenvolvidos pelas quadrilhas são os festivais juninos. Neles os grupos disputam entre si por premiações em dinheiro, todavia, na maioria das vezes, a premiação é inferior investimento que é feito para colocar um projeto em quadra.

3.5.2 Antes da apresentação

Figura 8 – *Drive in* Junino do Luar do São João em Teresina - PI



Fonte: Acervo pessoal (2021).

As acomodações nas quais nos hospedamos geralmente são escolas públicas que ficam perto do local da apresentação e a diretoria do grupo sempre prioriza que os dançarinos descansem para fazer uma boa apresentação, mas, nem sempre, isso é possível por conta de algumas pendências. Assim, antes da apresentação, mesmo após horas de viagem, temos trabalho a fazer, como exemplo, finalizar os bordados nos figurinos. Isso acontece porque os figurinos são entregues para serem bordados próximo ao momento de estreia, uma vez que são confeccionados em outro estado, mais precisamente em Fortaleza - CE.

Ademais, a cenografia também é finalizada no dia da apresentação. Além disso, o regional (a banda) precisa fazer a passagem de som e, a depender da cidade em que ocorrerá a apresentação, a quadrilha precisa fazer o reconhecimento de espaço e algumas marcações de palco.

E paralelo a isso, a produção do grupo, composta por mais de quinze pessoas, agiliza os demais processos para que não haja problemas na hora da apresentação, tais como verificar o cenário, fazer contagem de elementos cenográficos; o show de pirotecnia cuida da estética de luzes e efeitos especiais para o espetáculo acontecer. Associado a isso, aqueles que acompanham os dançarinos menores de dezoito anos cuidam da parte da alimentação e fazem um baquete para todas as pessoas do grupo. Sem dúvidas, uma organização muito linda, com todos totalmente envolvidos nas horas que antecedem a apresentação.

A produção das dançarinas do grupo tem uma duração média de quatro horas, pois desejam estar produzidas e impecáveis. A produção dos dançarinos leva menos tempo, contudo, todos, homens e mulheres, precisam estar prontas uma hora antes de a apresentação começar, a fim de termos tempo para fazermos a nossa concentração coletiva.

Chega a hora da apresentação, todos concentrados e unidos para entrarmos no tablado, fazermos um bom trabalho e representarmos bem o nosso estado. Uma sensação única, somente quem dança em uma quadrilha junina, sabe. O coração bate mais forte, a emoção toma conta, o frio na barriga sempre presente, e torcendo para que tudo saia como ensaiado ao longo de mais de seis meses de muito trabalho e dedicação. O público é um espetáculo à parte. A depender da cidade, o grupo é recebido com muito carinho por ser conhecido pelo belíssimo trabalho que é feito.

3.5.3 Após o resultado do concurso

Figura 9 – Apresentação da Luar do São João em Teresina - PI



Fonte: Acervo pessoal (2021).

Após os vinte e cinco minutos dançados como se fosse a última apresentação, a sensação de dever cumprido. O público aplaude respeitosamente de pé o que foi apresentado. Impossível não se emocionar e perceber todo o caminho que foi percorrido com o auxílio da *didática-ação*.

As expectativas do que era esperado do grupo foram atendidas. Devo destacar que o Luar é um grupo que leva muito a sério o que se propõe a fazer e entende seu compromisso em levar cultura para a sociedade. É o momento de respirar e nos abraçarmos de forma calorosa. Momento do carinho afetuoso, da lágrima de felicidade, do aperto de mão de gratidão e do agradecimento pelo trabalho que foi feito.

O resultado é consequência do trabalho que é feito, independentemente de sermos campeões ou não. Até 2025, o Luar é bicampeão do Festival do Nordeste, evento transmitido nacionalmente pela emissora Rede Globo; bicampeão do nordeste, em evento promovido pela União Nordestina de Entidades Juninas (UNEJ); e campeão nacional, em evento realizado pela Confederação Brasileira de Quadrilhas (CONFEBRAQ). Tem, ainda, outros prêmios obtidos em concursos Piauí afora. Prêmios que legitimam todo nosso esforço e nossa dedicação.

Após todo esse processo, é hora de voltar para a casa, exaustos, mas cheios de gratidão. Alguns vão direto para o trabalho, outros descansam para a próxima viagem, e assim aguardamos a próxima temporada. Como resultados, temos os aprendizados e a comprovação

da importância da aplicação da *didática-ação*, fruto do trabalho coletivo e da participação dos membros do grupo. Enquanto responsável por ensinar cada movimento nas aulas e ensaios da quadrilha, eu posso afirmar que todo o trabalho feito não foi em vão.

Visto que estamos falando em resultado, colher frutos, saliento a minha participação em outros grupos de quadrilha junina pelo Brasil, em 2024, nos quais pude aplicar a proposta da *didática-ação*. Em Boa Vista - RR, no grupo Zé Monteirão, assumi todas as coreografias da temporada, realizando um trabalho pedagógico com os dançarinos e as dançarinas, que, em resultado, perceberam a facilidade de aprender movimentos complexos no contexto junino. Em Teresina – PI, o grupo Explosão Estrelar participou de forma mais efetiva e cooperou com o processo de montagem, desse modo, eu fui assistente de coreografias e propus algumas movimentações, desenvolvi diversas metodologias de aprendizagem através de jogos, planejamentos, observações, discussões, mostra de vídeos de ensaio, direcionamentos mais específicos, entre outras possibilidades de como aprender a dança.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões trazidas, neste trabalho, acerca da dança em sua complexidade – social, cultural, profissional, atitudinal, reflexiva, procedimental – destacamos as camadas existentes no universo junino, especificamente em um grupo de dança que vem trabalhando de forma unida há muitos anos. E o produto dessas ponderações, a *didática-ação*, é o encadeamento não somente das práticas corporais de dança, mas de reflexões a respeito de diferentes facetas da vida das pessoas.

A quadrilha é aberta, atualmente, não apenas no sentido de acolher aqueles que chegam para dançar, mas, principalmente, porque busca superar o pensamento tradicional que é imposto pela sociedade quanto à dança junina. Defendemos que possível a comunhão de uma variedade de corpos, de jeitos, de desejos, de sensações e de sensibilidades em diversos aspectos, em especial o de classe social e gênero. É isso que leva o movimento a ser rico e potente.

A *didática-ação*, nesse contexto, modificou modos de pensar e agir com a dança. Provocou encadeamentos em outras pessoas para além de aprender a coreografia ou as marcações. Oportunizou o reconhecimento da pessoa artista quadrilheira, que entendeu os limites e as potencialidades de si enquanto corpo, a partir das simples ações que executa em seu dia a dia.

O grupo cultural Luar do São João é uma escola da vida a céu aberto, não somente por proporcionar questões educacionais, mas por oportunizar memórias marcantes ao longo de todo o processo, desde as aulas e os ensaios à conquista de ser campeão de um importante campeonato no movimento junino do Brasil.

Todo esse percurso é percebido apenas por aqueles têm a experiência de participar. O frio na barriga, o nervosismo, a ansiedade, o medo, o choro, as derrotas nas competições por décimos são sentimentos de grande importância, uma vez que nos fazem sentir presentes e nos ajudam a entender que tudo pode acontecer, na apresentação e na vida, e reverbera no corpo. E no final de tudo, o que fica é a gratidão por todo carinho, cada foto, cada abraço, cada lágrima, cada momento; o que não chega ao final é a vontade de ensinar e fomentar a transformação em outras vidas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Magdalena; LÉLIS, Carmen. **Quadrilha junina história e atualidade:** movimento que não é só imagem. Recife: Secretaria de Cultura do Recife, 2006.
- DAMIS, Olga Teixeira. Didática e sociedade: o conteúdo implícito do ato de ensinar. *In:* VEIGA, Ilma. Passos Alencastro (Org.). **Didática:** o ensino e suas relações. 29 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 13-24.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro. Paz & Terra, 1987.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal e o Educador Social**. São Paulo: Cortez Ed. 2014.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine. Por uma teoria do corpomídia. *In:* GREINER, Christine. **O Corpo:** pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005. p. 125-133.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.
- MIRA, Maria Celeste. Ongueiros, festeiros e simpatizantes: o circuito urbano da “cultura popular” em São Paulo. *In:* FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Arêas (Orgs.). **As cidades e seus agentes:** práticas e representações. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2006. p. 353-376.
- MARQUES, Isabel A. **Linguagem da Dança**. Arte e Ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.
- NASCIMENTO, Leilane Pinto do. **Crianças brincantes: sentido de continuidade das quadrilhas juninas (Região Metropolitana do Recife)**. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18540>. Acesso em: 8 jul. 2024.
- NÓBREGA, Z. **Cultura popular na pós-modernidade**. *In:* ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA - ENECULT, 4., 2008, Salvador. **Anais eletrônicos** [...] ENECULT, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14345.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2024.
- RENGEL, Lenira. **Dicionário Laban**. Curitiba: Pontal Vital Editora, 2015.
- RENGEL, Lenira Peral. Rudolf Laban no hiperespaço do tempo – Uma dança em múltiplos contextos educacionais. *In:* CONGRESSO DA ANDA, 6., 2021, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: Editora ANDA, 2021. p. 258-273. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2021/trabalhos/rudolf-laban-no-hiperespaco-do-tempo-uma-danca-em-multiplos-contextos-educacionais?lang=pt-br>. Acesso em: 22 maio. 2025.
- RENGEL, Lenira Peral *et al.* **Arte/dança como tecnologia educacional I**. Salvador: Escola de Dança, Superintendência de Educação Distância da UFBA, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30858/1/eBook%20Arte%20Dan%c3%a7a%20como%20Tecnologia%20Educacional%20I.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2024.

RENGEL, Lenira Peral *et al.* **Dança como tecnologia educacional III**. Salvador: Escola de Dança, Superintendência de Educação Distância da UFBA, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33340/1/eBook%20-Danca%20como%20Tecnologia%20Educacional%20III.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2024.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

ARAÚJO, Letícia Dutra; MOURA, Mirelly de Sousa; FEITOSA, Sammara Jericó Alves. **Luar do São João**: as cores surgem que nem magia num São João de alegria. EDUESPI, 2022. Disponível em: <https://editora.uespi.br/index.php/editora/catalog/view/114/101/622-1>. Acesso em: 30 jun. 2024.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas. Sabedoria popular: Dança e as novas tendências da educação. In: SANTOS, Rosirene Campêlo dos; RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **O ensino de dança no mundo contemporâneo**: definições, possibilidades e experiências. Goiânia: Kelps, 2011. p. 59-79.

CHIANCA, Luciana. **São João na cidade**: ensaios e improvisos sobre a festa junina. João Pessoa: Editora UFPB, 2013.

MENEZES NETO, Hugo. **O balancê no arraial da capital: Quadrilha e tradição do São João do Recife**. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/438>. Acesso em: 8 jul. 2024.

MONTEIRO, Marianna. **Dança popular**: espetáculo e devoção. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

PAULA, Soiane Gomes. **Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João! Memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador**. 2020. 185 f. il. Dissertação (Mestrado em Dança) – Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33581>. Acesso em: 25 jun. 2024.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyyq5bV4TCL9NSH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2024.

APÊNDICE A – MATERIAIS COMPROBATÓRIOS



Leia o QR Code para acessar o material completo

